



Mutretas & Trambiques

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

MUTRETAS & TRAMBIQUES



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



Todos os dias, trambiqueiros saem de casa à caça de gente inocente e de boa fé

Para José Luiz Nascimento, que tem
corpo fechado contra a ação dos
vigaristas

MUTRETAS & TRAMBIQUES

Conto 1

QUER CALÇA LEE?

Corria o ano de 1968.

Ao tempo que choro e ranger de dentes marcavam porões escuros e periferias imersas nas sombras evocando sofrimentos impunes, a mesmice de sempre, devidamente orquestrada pela mídia interessada e obediente, cobria a área dita civilizada do País com um manto de tédio e anestesia, desviando a atenção da sociedade para as inocências e inofensibilidades. Era aí, neste palco preparado e consentido pelos maiores que, testemunhando a movimentação dos hippies e desconhecendo a luta dos guerreiros pela redemocratização, borbulhava uma juventude alienada e arisca, cevada por um sistema ávido por carne jovem, domada e preparada.

De fato, naquele ambiente artificial, modulado e controlado por uma dosagem contínua de propaganda chapa branca - propaganda que, conforme a vontade dos chefões de lapelas e ombreiras estreladas, faziam modas e modismos avançarem e recuarem, para alegria fútil daqueles que podiam sustentá-las e, em contraponto, tristeza daqueles que existiam para servir aos primeiros -, rapazes e moças cheios de gingas, bossas e hormônios se moviam, exibindo músculos e adereços capazes de turbinar paqueras, aproximações e conquistas. E, neste embalo, surgiam vontades e sonhos de consumo conjunturais, próprios das idades ávidas por charmes e por encantos efêmeros. Este foi o pano-de-fundo da febre que levou milhares de jovens da

classe média brasileira a desejarem ter uma calça de brim norte-americano da marca Lee, preferencialmente desbotada, para combinar com um relógio Seiko. Catapultando o charme irresistível, a calça era referida pelos jovens formadores de opinião, não como a simples roupa de brim (que, de fato, era), mas [referida] pelo neologismo Jeans e, mais ainda, com a recomendação de que, para ser boa mesmo, [a calça] tinha de ser Lee, superando a concorrente Lewi's (que não teria o mesmo charme). Acontece que, em função das sobretaxas aplicadas aos produtos estrangeiros pelo protecionismo econômico do regime militar, o preço das calças Lee era proibitivo para grande parte da juventude, que, excluída do circuito das importadoras oficiais, recorria ao

submundo para adquiri-la a contrabandistas por preços aceitáveis.

Este foi o clima que emoldurou a história que vem a seguir.

- Quer calça Lee? - perguntou o homenzinho de chapéu, dizendo tudo aquilo que os garotos queriam ouvir.

Tudo começara dois dias antes, ainda no início das férias de fim-de-ano, quando os fedelhos Fernando e Alexandre descobriram que, mesmo sem condições de comprar diretamente a Jusiê Sampaio, na loja Tokyo - a mais famosa importadora do Recife, localizada bem pertinho da fábrica de refrigerantes Fratelli Vitta, na Rua da Soledade, no bairro da Boa Vista, no centro da cidade - [eles] poderiam ter

calças Lee como a maioria dos colegas. O bizu era um tal Tony Macaca, fornecedor anônimo e pouco conhecido baseado no submundo como segurança da boate Scandinávia, a casa noturna montada nos ombros do Bar 28, que seduzia notívagos e marujos de todas as idades e todas as bandeiras em plena zona do baixo meretrício, nas imediações do Marco Zero, no Porto do Recife. Os mais bem informados diziam que, como 'comprava diretamente no navio', o velho Tony Macaca escapava da sanha fiscal do governo e conseguia vender as calças por menos da metade do preço praticado por Jusiê Sampaio. Era uma oportunidade imperdível.

A tentação era muito grande, especialmente para não-endsinheirados, os quais, dificilmente, teriam condições de comprar as calças Lee de outra

forma. Mesmo assim, embora animadora, como envolvia incertezas, mistérios, ameaças e perigos - afinal de contas, se não bastasse a má fama do cais do porto, o negócio era ilegal e, ainda por cima, seria feito através de um desconhecido em um inferninho da pior qualidade (uma combinação dos diabos) - a dica precisava ser melhor avaliada. E, com um pé atrás, à despeito de toda a animação, sem admitir o medo (nem para eles próprios) os dois frangotes foram dormir assustados e passaram a noite em claro, virando e revirando na cama, tomados pela ansiedade e pela incerteza. Nos curtíssimos momentos em que conseguiram conciliar o sono, viveram terríveis pesadelos, sonhando encontros sob densa penumbra, acossados pela polícia e tipos mau-

encarados e interrompidos por correrias ao som de sirenes e emolduradas pela imagem caustrofólicas de celas e penitenciárias. Mas, ao final, vencida aquela madrugada terrível, o desejo venceu o bom senso e, dispensando o aconselhamento aos pais (que, seguramente, diriam 'Não' à empreitada), ambos decidiram ir às compras no cais do porto.

Pela manhã, logo cedo, depois de esvaziar os respectivos cofres, rapando os tostões economizados por meses a fio das magras mesadas, sem qualquer comentário sobre cara de sono do outro (até como forma de não dar-lhe liberdade para fazer o mesmo consigo próprio) e sem dizer para onde iam - iludindo as mães, deixando-as pensar que, como vinham fazendo por aqueles

dias de férias, aprontariam alguma traquinada inocente -, Fernando e Alexandre tomaram o pequeno ônibus-lotação da linha da Torre e, saindo da jurisdição autorizada pelos pais, seguiram para o cais do porto, prontos para enfrentar o desconhecido e, se tudo desse certo, retornarem antes do almoço, mortos de fome, mas com o sonho acalentado e cheios de aventuras para contar.

No cais do porto, desconfiando da honorabilidade de toda e qualquer mulher que lhes passasse pela frente e vendo permissividade em todos os lugares daquela área proibida, os dois seguiram, rigorosa e cautelosamente, as indicações do motorista do pequeno ônibus que os deixaram há pouco no Marco Zero do Recife e, como quem tateia sala escura, caminharam alguns

metros pela Avenida Alfredo Lisboa até localizar a boate Scandinávia. Estava lá, pintada de vermelho escarlate, ao final de uma escada íngreme, no topo de um bar bem em frente ao armazém número 28 do cais do porto. Talvez função do horário, talvez da luz solar (que, segundo a conversa corrente no colégio, afugenta todo e qualquer ser notívago), a boate estava fechada.

Quem disse que isto arrefeceu o ânimo dos garotos? Na realidade, a aventura deles estava só começando.

Disposto a só voltar para casa com a calça Lee, Fernando tomou a iniciativa e sem qualquer respeito pelo sono que seguramente roncava o interior da boate adormecida, meteu o dedão na cigarra meia escondida numa ranhura do umbral. Chamou a primeira vez, [chamou] a segunda [vez] e teria

chamado mil vezes se mil vezes fossem necessárias para ser recebido por alguém. Ele queria uma calça Lee e nada neste mundo iria barrar a sua investida.

A porta da boate só foi aberta depois do terceiro longo chamado da campainha.

Pela fresta, ao invés do rosto sorridente de um vendedor simpático que, de lembranças das lojas a que estavam habituados, os garotos esperavam ver, surgiu uma cara amassada, machucada e marcada por hematomas, com um olho roxo quase fechado de tão inchado ao lado de outro [olho] congestionado e encimado por um curativo sanguinolento que cobria parcialmente a sobrancelha ferida. Olhando para ambos os lados como se esperasse (ou fugisse de) alguém, o

segurança de aparência ameaçadora não demonstrou qualquer vontade de ser simpático.

- O que vocês querem, meninos? A boate está fechada - resmungou por entre os dentes.

Sem deixar-se intimidar pela situação, Fernando surpreendeu o homem, indo direto ao assunto.

- Tony Maraca está?

A pergunta caiu como um raio e, repentinamente acuado, o mau encarado baixou o tom da voz e respondeu [a pergunta] com outra [pergunta].

- Quem quer falar com ele?

- Nós, mesmos - os dois garotos responderam ao mesmo tempo.

- Qual seria o assunto? - um pouco aliviado, o vigilante ainda não se sentiu

à vontade e continuou na defensiva, como se buscasse uma senha ou armadilha.

- Queremos comprar calça Lee - a resposta foi automática. A forma pueril e natural como foi dita desfez o clima de desconfiança e hostilidade, chegando, mesmo, a arrancar um esgar de sorriso na cara amassada do Tony Maraca, que, finalmente, se revelava.

- Tony Maraca sou eu. Mas estou fora do jogo. Os homens me pegaram e, ainda, estou todo moído - ele disse, plantando um punhado de dúvidas nos garotos. Afinal de contas, crescidos em outros ambientes, os meninos não tinham a menor ideia sobre quem poderiam ser os 'homens' falados por Tony Maraca, sobre qual 'jogo' a que ele se referia ou, ainda, como [ele] poderia

estar 'moído', se estava ali, bem na frente deles.

Na sequência, talvez como desabafo e denúncia, o tal Tony Maraca abandonou a arrogância e, com voz insegura e olhos umedecidos, contou como tinha caído nas mãos da Polícia Federal numa operação de combate ao contrabando. Contou como, no curso de um duro interrogatório nas masmorras da Polícia Federal, fora barbaramente espancado para confessar crimes e denunciar cúmplices e, ainda, como, todo arrebitado e coberto de hematomas por todo o corpo e precisando fugir dos cúmplices que denunciara e recuperar a saúde, resolvera suspender a movimentação no cais do porto e passar, pelo menos, algum tempo na legalidade.

- Estou fora - Tony Maraca concluiu, para tristeza dos garotos.

- E onde poderíamos comprar calças Lee? - Fernando não esmoreceu a esperança.

- Talvez na Rua do Bom Jesus - Tony Maraca se referiu a antiga Rua dos Judeus, situada nas redondezas e, tal como o cais do porto, famosa por acolher o submundo da contravenção - Mas, prestem bem atenção, aquele não é ambiente para vocês. Sigam meu conselho: tomem o ônibus e voltem para casa.

Embora comovente e representasse um balde de água gelada nos planos da dupla, a triste história de Tony Maraca não era suficiente aporte para sufocar vontades e recambiar os garotos à Torre. De fato, meio (mas, não totalmente) desiludidos, eles desceram

ao cais e, inicialmente cabisbaixos, contrariando a recomendação de Tony Maraca, ao invés de voltar para casa, resolveram fazer uma última tentativa de ter as calças Lee ainda naquele dia. Seguiram rumo à praça do Marco Zero e duas perguntas mais tarde, sem saber, exatamente, o quê ou a quem procurar, caminhavam à sombra do casario multi secular da Rua do Bom Jesus.

Eles, talvez, não percebessem, mas, pela idade, [pelo] jeito de vestir, [pelo jeito de] andar e [pelo jeito] de olhar as coisas, estava na cara que eram peixes-fora-do-aquário, chamando a atenção de todos, inclusive (e especialmente) dos tubarões sempre à caça de presas inocentes e indefesas. A caçada e o bote seriam uma questão de tempo.

- Quer calça Lee? - Como se lesse o pensamento dos garotos, falando com voz mansa como se cochichasse um segredo precioso, o homenzinho fez a oferta, dizendo tudo aquilo que eles queriam ouvir. Esquecendo a recomendação do guardião da boate Scandinávia, os meninos se deixaram abordar. Ao contrário de Tony Maraca, que mais parecia uma versão tupiniquim de Quasímodo ou de Nosferatu, a aparência do homenzinho era suave, quase angelical - baixinho, rechonchudo, cabeça coberta com um chapéu Fedora, camisa branca sob um terno azul claro e, para terminar, um bracinho atrofiado pendurado ao pescoço por uma tipoia. Além do mais, ao invés da penumbra ameaçadora do inferninho, estavam ao céu aberto, às vistas de todo o mundo.

- Queremos, sim - Fernando respondeu com o espírito desarmado.

E, em poucas palavras, depois de se apresentar simplesmente como 'Feijão' ("sou conhecido como 'Feijão' desde menino, por todo mundo", dissera ele, sem maiores explicações), o homenzinho disse tudo sobre o negócio: o preço, como se daria a transação, a forma de pagamento, tudo.

- O preço é baixo porque compro diretamente no navio - explicou Feijão, falando como se o 'navio' fosse uma loja de roupas.

Pela compreensão dos meninos, ao contrário de Tony Maraca, que era contrabandista (e, portanto, investia para formar estoque), Feijão era intermediário, ganhando comissão sobre as vendas que fazia. Comprando ao Feijão, inicialmente, [eles, os

garotos] adiantariam um pedaço do dinheiro (exatamente o valor a ser usado na compra ao fornecedor) e, quando recebessem as calças, fariam o pagamento restante, correspondente à comissão do Feijão. Somando os dois valores, o total era bem menor do que preço normalmente cobrado por Tony Maraca. Um negócio! Trato feito, os garotos seguiram o tal Feijão pela Rua do Bom Jesus, cruzaram a Praça do Arsenal, dobraram ao Leste, atravessaram a Avenida Alfredo Lisboa e, pronto, estavam no portão metálico que separava porto do continente.

- Daqui em diante, vocês não podem mais me acompanhar. São as regras da Capitania do Porto e da Autoridade Portuária. Só pessoas autorizadas podem circular pelo cais e se aproximar das embarcações. Preciso

da primeira parte do dinheiro agora - disse Feijão com naturalidade, apontando na direção de um dos navios atracados no cais - Vou buscar as calças ali.

Sem titubear, vendo o relance do navio pelo canto dos olhos, os jovens Fernando e Alexandre entregaram o dinheiro economizado desde o início do ano ao Feijão, que, dando mais uma prova de lisura, à guisa de garantia, passou-lhes um papel encardido com os dizeres 'Folha Corrida' e o carimbo vermelho NADA CONSTA em destaque.

- Podem ficar tranquilos, rapazes. Eu volto logo. Cuidado. Não percam o meu documento. Ele é filho único de mãe solteira - o Feijão apontou o timbre da polícia estampado no topo do documento, valorizando, ainda mais, o papel dado em caução.

Vendo o pequeno Feijão sumir no oitão do armazém do cais do porto - sob o sol crescente da manhã, que, sem ligar para as coisas do Porto do Recife (ou para qualquer outra coisa), avançava rumo ao ápice do meio-dia -, os meninos se emocionaram. Pudera! Estavam prestes a realizar o sonho acalentado nos últimos meses. Segundo pensavam, agora seria apenas uma questão de tempo. Como sempre acontece em momentos como aqueles, a ampulheta parecia escorrer mais lenta, trazendo-lhes ansiedade e stress. Cada segundo parecia um minuto, cada minuto parecia uma hora. O tempo passava e o Feijão não voltava. A angústia foi grande. Parecia, até, que alguma coisa estranha estava acontecendo. Depois de muitas 'horas' de espera, passaram os primeiros

quinze minutos e nenhuma notícia do Feijão.

- Ele deve estar negociando um preço mais baixo com o comandante - sem ligar para o calor escaldante, Fernando buscou uma explicação para a demora.

A primeira meia hora de espera sob o sol à pino arrancou novas explicações.

- Acho que Feijão está demorando porque ele não fala a língua dos estrangeiros.

E o tempo caminhou, trazendo a primeira hora de espera.

- Esse cara passou a perna na gente, Fernando - o jovem Alexandre começou a desconfiar.

- Não. Feijão é um cara sério - confiando no NADA CONSTA carimbado

na Folha Corrida que tinha às mãos, Fernando se recusava a acreditar na possibilidade de ter caído em um embuste.

Na segunda hora de espera, sem conseguir convencer Fernando de que tinham caído no 'Conto da Calça Lee', Alexandre desistiu.

- Vamos embora. Está chegando a hora do almoço.

- Pode ir. Eu só saio daqui com minha calça Lee - Fernando fincou o pé.

Com uma incômoda sensação de perda martelando-lhe a alma, Alexandre tomou a lotação e voltou para casa, no bairro da Torre, onde, de pronto, depois de, sem entrar em detalhes, avisar à família de Fernando que ele "ainda demoraria um pouquinho", [Alexandre] enfrentou a ira da mãe por ter chegado atrasado

para o almoço. Enquanto isso, no cais do porto, pouco ligando para o calor que o fazia suar em bicas, para a fome que parecia colar-lhe as paredes do estômago ou para o avançado da hora que o deixava fora da mesa na hora do almoço em casa, sem qualquer proteção contra o sol causticante do meio-dia, Fernando permanecia firme no cais, de pé, ao lado portão, como se fosse vigilante do armazém do porto, num plantão esperançoso por notícias do Feijão.

Passava das quatro [da tarde], quando, pondo fim à angústia da família, vermelho como um camarão, Fernando chegou. Estava faminto, suado e com justo medo da surra que, seguramente, levaria pelo susto dado na família. Estava sem o dinheiro que juntara por tantos meses e sem a calça

Lee que pensara vestir naquela noite. Os dias passaram e, por mais que tentasse, Fernando não conseguiu abafar o caso, que, pouco a pouco, era conhecido por mais e mais pessoas. Aliás, durante muito tempo, Fernando virou chacota na vizinhança e no colégio, recorrendo a insultos e impropérios para responder àqueles que, a todos os momentos, em meio a risos, lhe perguntavam sobre Feijão. À cada 'Feijão chegou?' ou 'Vai ter feijão no almoço?', [correspondia] um 'Vai perguntar pra tua mãe, filho da puta' em alguma das suas milhares de possibilidades.

Anos mais tarde, ao abrir o armário e ver uma calça Lee - peça que, na ocasião, com frequência, era desdenhada em favor de outras [calças]

mais elegantes -, o doutor Alexandre lembrou com saudades daquela e de muitas outras aventuras por ele vividas na infância e na adolescência, reconhecendo o ensinamento deixado por cada uma delas. Por onde andariam Fernando - amigo de infância cujo paradeiro se perdera nas dobras e caminhos da vida -, [por onde estariam] Tony Maraca e Feijão - [pessoas] que vira uma única vez, mas, pela força do episódio ao qual estavam relacionados, jamais saíram da sua memória [dele].

- Quer calça Lee? - a nítida voz do Feijão resgatou o doutor Alexandre do devaneio, arrancando um sorriso nostálgico do menino Alexandre, que, imune ao tempo e bem escondido nas profundezas do seu Eu, sempre o acompanhava.

MUTRETAS & TRAMBIQUES

Conto 2

ONDE ESTÁ O INGRESSO?

Desde o anúncio de que, pela primeira vez, a banda viria ao Recife, eles ficaram eletrizados.

Na era para menos. Afinal de contas, com o imaginário preenchido por videoclipes surreais e todas as horas de lazer impulsionadas e animadas por melodias ainda por serem imaginadas, pela poesia gótica de letras plenas de simbologia medieval, pelo som histórico das guitarras mágicas, pelo ritmo alucinante ribombado por couros celtas metralhados sem dó nem piedade por baquetas moto contínuas, por vozes estridentes e surpreendentemente melódicas que pareciam soar das entranhas do Planeta e pelos rumores de camarins repletos de meninas

apaixonadas, no íntimo, cada um dos garotos queria ser um dos cabeludos tatuados do 'Periscópio Periférico'.

Foi quase um mês de preparativos.

Buru, Giba e Pepeu tinham muito o quê fazer.

A inspeção do clube-palco da apresentação, a escolha do melhor local na plateia, a encomenda das camisetas estilizadas com a caveira-símbolo e com a heráldica própria da banda, a compra antecipada dos ingressos. Era muita coisa. Passando e repassando periodicamente cada detalhe, o check list das providências foi verificado mil vezes, ganhando mil novos itens e teria incorporado outros mil [itens], se outras mil verificações fossem feitas. O site do fã clube foi visitado várias vezes todos os dias, em viagens digitais que,

desfrutando detalhes incorporados a conta-gotas, passavam em revista a discografia, as antigas formações, a longa estrada já percorrida pela banda e, nos últimos dias, novidades da atual turnê e do show no Recife, incluindo as opções de guarda-roupa, a mensagem da banda aos admiradores locais e, como cereja do bolo, o repertório - uma sequência que, retirada a tradicional 'PintaSSilgos Amestrados' da abertura, executaria uma versão live do novíssimo 'Elephantos em fralda', o CD lançado no verão passado, considerado pela crítica especializada a obra prima do 'Periscópio Periférico'. Eles não tinham dúvidas de que aquele seria o show do século.

Empenhados em desvendar os detalhes importantes (claro que, na cabeça deles, em se tratando do

'Periscópio Periférico', todos os detalhes eram importantes), o 'Elefantes em fralda' foi completamente esmiuçado. Nada escapou. Os jovens pesquisaram detalhes das capas e dos encartes, dos cliques publicitários, da história do estúdio de gravação, dos currículos artísticos e das biografias dos profissionais envolvidos. As críticas foram lidas e criticadas, reservando o céu àqueles que elogiavam o disco e o inferno aos que ousavam apontar-lhe defeitos, as letras foram analisadas segundo diversos aspectos e as músicas ensaiadas à exaustão. De tão embutidos nos preparativos, Buru, Giba e Pepeu sequer perceberam os torcicolos surgidos em função dos ensaios da nova coreografia da banda - um estranho balé que, como se cabeças

fossem martelos a esmagar maldições numa bigorna imaginaria, sincronizava o vigoroso balançar dos pescoços com o ritmo alucinante das músicas, levando as longas cabeleiras a açoitar o ar, produzindo um efeito visual muito bonito (e, ao mesmo tempo, muito útil, pois espantava moscas e mosquitos surdos).

Vencendo o calendário - que, de tão emperrado naqueles dias, parecia contido por uma ampulheta entupida -, chegou o dia a partir do qual o Recife ingressaria no circuito histórico das cidades fincadas no mapa dos grandes shows do 'Periscoëpio Periférico'.

Logo cedo, já vestidos com as roupas negras que faziam o estilo da banda, o trio se encontrou para rever o check list e, como ocorria sempre, fez novo acréscimo. Desta vez, incorporou

uma caneta para a remota hipótese de surgir chance de pedir autógrafo a algum dos ídolos.

Aquele era um dia especial.

Depois de praticamente engolir o almoço, Buru, Giba e Pepeu correram para o clube, cujo entorno, como esperado, estava tomado por uma multidão eclética e barulhenta. Ali tinha de tudo. Junto com fãs e curiosos, uma enxurrada de vendedores ambulantes se amontoava, pronta para atender todas as espécies de desprevenidos. Parecia uma miniatura da feira de Caruaru, pois havia de tudo. Desde camisas estilizadas, flâmulas e adereços alusivos ao 'Periscœpio Periférico' e, claro, ingressos para os retardatários até bandeiras do Brasil e de Pernambuco, passando por CDs da banda e todo tipo de fast food.

Carrocinhas de sorvete e de sanduiches disputavam espaço com cambistas, que disputavam espaço com vendedores de refrigerantes, que disputavam espaço com pessoas que se dirigiam ao show, que disputavam espaço com a equipe de organização, que disputava espaço com isopores e fogareiros, que disputavam espaço com carrocinhas, fechando um circuito que se projetava para além da compreensão, variando segundo o nível de claustrofobia de cada um. A confusão era total.

Em meio ao pandemônio encoberto e bafejado pela fumaça e vapores vindos das churrasqueiras com cheiros de salsichão, churrasquinho de gato e cachorro-quente comeu-morreu, os atravessadores esgoelavam dispor ingressos, oferecendo-os aos desavisados com ágios escorchantes de

cem, duzentos por cento. "Ainda bem que compramos nossos ingressos com antecedência", com ar inteligente, Buru comentou com Giba e Pepeu.

Parte daquela confusão decorria da dinâmica própria dos shows da banda, que, talvez para criar clima ou, quem sabe, dar tempo para as passagens de som e ajustes na parafernália técnica, mantinha os portões fechados até uma hora antes da apresentação. Enquanto isso, a fila já quilométrica não parava de crescer, dando voltas no quarteirão, deixando a impressão de que metade da humanidade estava ali para prestigiar o 'Periscœpio Periférico'. A fila enorme não constituía problema para os fãs, especialmente porque a espera não era monótona. De fato, antes que surgisse alguma reclamação, de forma natural,

sem qualquer ensaio, um grupo solfejou acordes do refrão de 'PintaSSilgos Amestrados', música dominante da obra da banda e, em instantes, ganhando novas vozes, o som se converteu em coro. Daí à música animar a coreografia da banda (que, pelo visto, era conhecida por todos) foi um passo, contaminando a todos e transformar a feira numa festa.

De qualquer forma, mesmo atenuado pela animação reinante na fila, o ruge-ruge era cansativo e, ao tempo que se aproximava o momento da abertura dos portões, aumentava a expectativa dos fãs, que não cabiam mais em si de tanta ansiedade. Como relógios sincronizados, quando as cantorias já não conseguiam vencer o desconforto (rompendo a tranquilidade aparente, começaram a espocar

reclamações pela demora e questionamentos sobre a competência da organização), surgiu a movimentação que acalmou a situação. De fato, saído ninguém sabe de onde, um homem, que disse chamar-se John Doo, se apresentou para botar ordem na confusão.

Trajando a inconfundível roupa negra da banda, o tal John Doo, um tipo alto e magro, quase esquelético, parecia ter experiência em controlar situações como aquela:

- Os portões estão prestes a abrir, pessoal. Vamos organizar a fila - a voz vinha num timbre de quem sabe o que está fazendo - Para ganhar tempo, vou recolher os ingressos... Todo mundo com ingresso na mão.

E, sem dar margem a discussões, agindo como se fosse a coisa mais

normal do mundo, eventualmente pedindo para ver a documentação daqueles que pareciam mais jovens (e, assim, ganhando mais autoridade e, lógico, dando mais autoridade àquilo que fazia), John Doo passou a recolher os ingressos, trocando-os por uma ficha que, segundo ele, deveria, simplesmente, ser colocada na urna colocada ao lado da borboleta. Não houve resistências. Na realidade, os fãs sentiam certo alívio ao fazer o pré check-in com John Doo, pois, de alguma forma, ao entregar o ingresso, eram tomados por uma sensação de 'estar quase' no show tão aguardado.

De sua parte, com as preciosas fichas guardadas nos bolsos, olhos postos nos portões ainda fechados e animação renovada, Buru, Giba e Pepeu se concentraram apenas nas delícias

que estavam por vir e se desligaram de John Doo, que continuava recolhendo ingressos pela fila, perdendo-o de vista. A cantoria recomeçou e continuou por mais alguns minutos até que, finalmente, a fila começou a andar.

Foi quando começou a verdadeira confusão.

- Sem ingresso, ninguém entra - o berro do porteiro foi a senha de que havia alguma coisa errada. Ele se dirigia à garotada que - ao invés do cartão magnetizado esperado pela máquina que, automaticamente, liberava a borboleta mediante a leitura digital - lhe estendia fichas coloridas.

Aquilo foi o estopim de uma das maiores barafundas já ocorridas na portaria do Clube.

Imediatamente cercado por garotos que, desesperados pela

possibilidade de perder o show do 'Periscœpio Periférico', gritavam 'Já entregamos o ingresso' a plenos pulmões, o porteiro balançou a cabeça e, sem demonstrar qualquer reação, reafirmou:

- Sem ingresso, ninguém entra.

Embora, lamentando terem sido vítimas do conto do check-in antecipado, sem disposição para brigas, alguns mais abastados correram aos guichês ou aos cambistas e, pouco ligando para as fichas recebidas de John Doo, compraram novos ingressos. A maioria, no entanto, não parecia disposta a pagar duas vezes pelo mesmo show.

A confusão aumentou.

Sem conseguir conter a multidão, que parecia disposta partir até para o quebra-quebra, a organização voltou a

fechar os portões e, ao tempo que anunciava o adiamento do show por mais meia hora, chamou a polícia para reforçar a segurança. Estas iniciativas, no entanto, se mostraram insuficientes. Aliás, a confusão estava longe de acabar e, pelo contrário, cresceria ainda mais, especialmente porque, por trás de cada um dos garotos barrados, havia uma família com algum nível de poder e de influência social. Não deu outra. Em instantes, reforçando a balbúrdia já existente, além de jornalistas sempre ávidos por notícias fresquinhas e advogados esperançosos por eventuais causas de injúria e difamação, chegaram carrões trazendo mães e papais preocupados e ansiosos por saber o que havia acontecido com os seus filhos. O nível de tensão aumentou. Ao coro do 'entregamos o ingresso'

entoado pelos barrados - que se misturava com os gritos dos vendedores, inclusive dos cambistas que prontamente perceberam uma nova oportunidade de negócios, e com o choro aberto berrado por muitos -, se somou admoestações dos pais em diferentes graus de dureza. Àquela altura, a paz parecia longe de acontecer. Acuados pela realidade, os organizadores do show começaram discutir soluções que implicassem em custos suportáveis. Foram ágeis. De imediato, reabrindo os portões para entrada para os portadores de ingressos, [os organizadores] pediram àqueles que dispunham apenas das tais fichas a formarem uma fila separada. Para surpresa dos organizadores, verificou-se que o número dos prejudicados não era significativo.

Ninguém podia saber, mas, diante da possibilidade de perder o show, ao invés de se expor a querelas de resultado incerto, muitos prejudicados preferiram esquecer as fichas sem valor recebidas do tal John Doo (dando-as como caso perdido) e correr aos guichês ou aos cambistas para comprar novos ingressos.

Vendo a pequena fila dos lesados, os administradores perceberam que não valia a pena arriscar brigas e, em gesto pragmático (tomado por uns como magnânimo), junto com uma ácida crítica à segurança da cidade ("não estamos mais seguros em canto nenhum", disseram eles, inclusive como forma de fugir das próprias responsabilidades), mandaram, pura e simplesmente, distribuir convites promocionais a todos os prejudicados,

apagando no nascedouro as explosões que viriam pela frente.

Habitado a lidar com pequenos trambiques, tanto aqueles inventados por espertos desejosos de assistir shows sem pagar como aqueles aplicados por cambistas de ingressos falsos, de pronto, o porteiro percebeu que aquele caso não se enquadrava no perfil tradicional dos golpes e, sem dúvidas, aqueles meninos tinham sido ludibriados por alguém inteligente e experiente. A 'ficha mágica' era um dos golpes mais ousados, especialmente porque exigia algum talento dramático por parte dos golpistas. Lembrado de shows anteriores, sem querer admitir falha de segurança (e, porque não admitir, [admitir] uma certa conivência por parte do 'Periscoépio Periférico'), o porteiro imaginou o quê poderia ter

acontecido. Na realidade, se suas suspeitas estivessem corretas, ele poderia dizer até dizer quem eram os golpistas. Ao entregar os convites promocionais que dariam acesso a Buru, Giba e Pepeu ao Clube, [o porteiro] não resistiu à curiosidade.

- Vocês lembram a quem entregaram o ingresso?

- A John Doo - a resposta veio em coro - um cara alto, cabeludo, vestido como se fosse da 'Periscoépio Periférico'.

Não havia dúvidas. O cambista-trambiqueiro 'oficial' voltara a atacar e, com certeza, voltaria a atacar ainda naquela turnê. O porteiro tinha razões para pensar assim, pois, na realidade, John Doo não era o nome de uma pessoa e, sim de um fã clube não oficial da 'Periscoépio Periférico', cujos

membros, provavelmente financiados pelo golpe da 'ficha mágica', seguiam a banda mundo afora, por onde quer que ela fosse. O porteiro (e muita gente) sabia que a ação do John Doo não era desconhecida da banda. Aliás, corria à boca miúda nos bastidores da organização que, num dos shows realizados no ano passado, tão logo soube da prisão de alguns dos rapazes do John Doo, o próprio empresário da banda saíra em seu socorro e bancara os custos do acordo que os livrara da prisão.

Uma correria interrompeu a conversa no portão do clube.

Cercados por fãs e pela segurança, caminhando em ritmo de quem está atrasado, os músicos do 'Periscópio Periférico' chegaram ao Clube e, distribuindo sorrisos e acenos,

passaram a menos de um metro dos garotos. O choque foi grande, não só porque eles não esperavam ver seus ídolos tão de perto, mas, também, porque, no grupo que cercava a banda estava John Doo. Os garotos se olharam entre si, mas, antes que pudessem fazer qualquer coisa, aconteceu uma coisa que, por mais que venham a viver, jamais esquecerão. Contidos por John Doo, os músicos se voltaram e, preenchendo um sonho dos garotos, além de autografar as suas camisas, se deixaram fotografar ao lado deles. Ao final daquele encontro maravilhoso, antes de voltar a empurrar os músicos rumo ao palco, à guisa de cumprimento, John Doo bateu nas mãos espalmadas de cada um dos três garotos, que não continham a emoção.

Convencidos de que John Doo não era tão ruim como pensaram inicialmente, usando os convites promocionais, Buru, Giba e Pepeu entraram no clube e se esbaldaram.

Aquele foi o melhor show das suas vidas.

MUTRETAS & TRAMBIQUES

Conto 3

ESTE DINHEIRO É FALSO

Este dinheiro é falso: 1º testemunho

Naquele dia, a exemplo daquilo que ocorria nas duas últimas semanas, Jobson acordou tarde.

Como vinha fazendo desde a saída da penitenciária de Andradina, onde cumprira dois anos de detenção por roubo, Jobson aproveitava a luz do dia para zanzar pelo centro de São Paulo em busca de emprego, batendo de porta em porta, ouvindo os 'não tem vaga' de sempre, e, mais tarde, mergulhando mais fundo nas entranhas da cidade, [aproveitava] a escuridão da noite em busca de um ou outro desavisado para tentar algum golpe

capaz de render dinheiro para o sustento dele, da esposa Edilene e do pequeno Edjonas pelo menos por alguns dias.

Não fora bem sucedido em nenhuma das duas iniciativas.

Os empregos e os 'manés' estavam cada vez mais raros. Aquilo era culpa da crise, sabia ele, pois, com o aumento do número de desempregados, os descuidados passaram a ser disputados, cada vez, por mais gente.

Desesperado, sentindo a fome doer naqueles que mais amava, Jobson estava quase pedindo para Deus devolvê-lo à Andradina. Naquele inferno, apesar das humilhações e sofrimentos, pelo menos, além de comida e roupa, contava com os tostões do auxílio-reclusão, que não era muita coisa, mas ajudava a colocar alguma

comida em casa. Mas, Deus é muito bom e, ouvindo as suas preces, ao invés de mandá-lo de volta para o inferno, o fez encontrar um velho amigo.

- Estou parado e sem dinheiro - Jobson contou seu infortúnio à pessoa certa.

- Acho que posso ajudar. Se você ainda for o homem que conheci em Andradina, tenho serviço para você.

Jobson começou a trabalhar naquele mesmo dia. O serviço não era exatamente aquele que [ele] desejava ou procurava, mas, na ausência de outro, aquele serviria. Não haveria problemas. Seria um trabalho passageiro e, se tudo desse certo, todos os dias chegaria em casa com algum dinheiro para o feijão e para o leite do pequeno.

O serviço era simples. Meia hora de conversa e, pronto!, tinha decorado as instruções e estava pronto para trabalhar.

Embora pudesse ser realizado em muitos lugares, foi designado para a Estação do Tietê.

Se apresentou às 17h30. Recebeu as chaves e a informação de onde o táxi estava estacionado. Agora, era só esperar pela sorte grande. Passava pouco das seis, quando o serviço apareceu.

Saídas do portal principal da Estação, a freira vinha acompanhada por duas moças. Vinham repletas de mochilas e malas e, pelo jeito inseguro como olhavam as coisas, não moravam na cidade. Uma taça de sorvete não seria melhor, pensou ele. Definida a presa, Jobson se aproximou e,

cumprindo a orientação recebida, escancarou um sorriso e perguntou:

- Vão para o Guarulhos? Posso levar as três por \$220.

Elas conversaram rapidamente entre si.

- Faz por \$ 200? - perguntou a mais nova.

- A gente não vai brigar por vinte pratas.

Jobson abriu o porta-malas e, sem dizer mais uma única palavra, tomou a rodovia Ayrton Sena rumo ao aeroporto. Na meia hora consumida nos quase 26 km do percurso, interpretando cochichos e soslaios, Jobson descobriu que as moças vinham de um encontro religioso em Vargem Grande e, ainda que, embora fosse a única vestida com hábito e,

aparentemente, fosse a mais velha, a freirinha não era a 'chefe' e dividia com a mais nova e falante, a liderança do grupo. De qualquer forma, concluiu Jobson, aquele era o grupo ideal para o seu serviço de estreia.

Ao chegar no aeroporto, a feirinha sacou duas notas de \$ 100 e entregou a Jobson, que, de forma extremamente ágil, executando o movimento encenado muitas vezes, ao tempo que saia do carro para abrir o porta-malas, aproveitava a distração do movimento para colocar as duas cédulas recebidas num bolso e retirar outras notas de outro [bolso].

- Tá pensando que sou otário, minha senhora? - gritou ele, acenando as notas recém retiradas do bolso.

- O que foi? - balbuciou a freirinha, que, surpresa e assustada com o

escândalo, não conseguiu dizer mais nada.

- O que aconteceu? perguntaram as outras mulheres, igualmente assustadas.

- Ela me pagou com notas falsas - gritou Jobson, sem parar de acenar as cédulas falsas.

Foi aí quando, do nada, uma voz masculina não prevista por Jobson quase estraga a sua estreia.

- Calma. Vamos ficar tranquilos. Falsificação de dinheiro é crime federal e, para nossa sorte, aqui no aeroporto tem uma delegacia da Polícia Federal. Vamos acionar os federais e eles saberão o quê fazer - disse o rapaz que, aparentemente, esperava as religiosas.

Jobson não estava preparado para aquilo e, ao ouvir o nome 'Polícia

Federal', sentiu um calafrio pelo espinhaço, que o fez pensar em desistir do golpe. Mas, Deus estava do seu lado e, antes que pudesse abrir a boca para recuar da querela, ainda nervosa, a freirinha falou:

- Não. Eu não quero confusão. Deus sabe que estou certa, mas prefiro pagar de novo - e, insistindo que jamais faria uma coisa errada, sacou outras duas cédulas de \$ 100 e passou para Jobson.

- Verifique logo se estas notas são boas - o rapaz falou com alguma rispidez.

Intimidado, Jobson retirou a bagagem do porta-malas e saiu em disparada.

Naquela noite, depois do jejum de alguns dias, finalmente, Jobson chegou em casa com uma pequena feira

Deus - que, como ninguém, escreve certo com linhas incompreensíveis às pessoas - sabia o quê estava fazendo.

Este dinheiro é falso: 2º testemunho

Foram apenas três dias.

Um período maravilhoso. Desses que deixam lembranças para o resto da vida.

Internas no Centro Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista, a menos de 50 km de São Paulo, sob os auspícios do padre João Januário, pároco da Igreja do Bom Retiro no Recife, as noviças Tereza, Célia e Carla viveram a sonhada imersão total nas coisas do Movimento dos Focolares, rezando e participando de missas dedicadas aos necessitados,

acompanhando palestras sobre a vida santa da fundadora Chiara Lubich, fazendo passeio virtual pela cidade italiana de Trento, estufa, nascedouro, berço e sede mundial do Movimento, conhecendo os fundamentos da Economia de Comunhão, assistindo filmes sobre as outras Mariápolis espalhadas pelo mundo, conhecendo gente de todo o Brasil, que, como elas, também acreditavam na força revolucionária da Comunhão como instrumento de paz e realização. Se pudessem, ficariam ali por toda a vida.

Mas, infelizmente, o retiro chegou ao fim e, com um gostinho de quero-mais, retornariam para a Mariápolis de Igarassu. Estariam alegres, revigoradas e repletas de informações para compartilhar com os seus.

No almoço de despedida, no grande salão comunal do Centro, um pequeno contratempo as deixou inseguras. Pudera. O padre João Januário, que as guiara desde o Recife, avisou que precisaria seguir para São Paulo logo em seguida e não poderia acompanhá-las no ônibus contratado para conduzir o grupo desde Vargem Grande até o Terminal Rodoviário do Tietê, cuja partida estava programada para às 17h. O padre ainda tentou acalmar as 'suas meninas' - como ele chamava as noviças Tereza, Célia e Carla entregues à sua guarda pela maioral da Mariápolis de Igarassu.

- Não há motivos para preocupação. Estarei no Aeroporto de Guarulhos esperando por vocês.

Isto, no entanto, não foi suficiente pra dissolver a angústia que tomou conta das moças.

Foi uma tarde de aflição. Como fariam para chegar ao aeroporto? Como achariam o balcão da companhia certa naquele lugar tão grande? E se pegassem o avião errado? As dúvidas as atormentavam e, aflitas, dedicaram as últimas horas no Centro Mariápolis Ginetta às orações. Por segurança, na hora de tomar o ônibus, além do terço recomendado às amigas, a noviça Tereza decidiu viajar trajada com o hábito religioso usual.

Com o sangue acelerado e mãos frias, embarcaram e, de tão entretidas nas orações e pensamento pessimistas, sequer perceberam os engarrafamentos que passaram a travar a Rodovia Raposo Tavares com a

chegada a São Paulo. Um friozinho na barriga anunciou-lhes a chegada do ônibus ao terminal rodoviário. E agora? Sem alternativa, desceram do ônibus, pegaram as malas e, visivelmente trêmulas, saíram à rua.

Mas, Deus é grande e, tão logo cruzaram o grande portal da Rodoviária, parecendo ler a aflição que as perturbava, um taxista se apresentou e se ofereceu para levá-las ao aeroporto.

- Vão para o Guarulhos? Posso levar as três por \$220. - o homem abriu um sorriso artificial.

O preço era extorsivo. Um roubo. Uma fortuna. Mas, o que fazer? Era uma forma de chegar ao aeroporto.

-Será que faz um abatimento? - as noviças se perguntaram, sabendo que, de qualquer forma estariam sendo

roubadas. Mesmo assim, sabendo que estavam com os tostões contados, não custava regatear.

- Faz por \$ 200? - perguntou Carla, que embora fosse a mais nova, era a mais despachada das três.

- A gente não vai brigar por vinte pratas - o motorista abriu o portamalas e arrumou as malas e mochilas.

Sem dizer mais única palavra, o motorista dirigiu por quase meia hora pela rodovia até Guarulhos.

- Qual a companhia do voo de vocês? - quebrando o longo silêncio, o motorista perguntou ao chegar ao aeroporto, dirigindo o carro para o terminal cuja placa mostrava o nome da companhia.

Foi quando começou a provação.

Ao tempo que espichavam olhares esperançosos pela pequena multidão, que entrava, saía e esperava, aglomerada na entrada do terminal, em busca do padre João Januário, a noviça Tereza pagava ao motorista com duas notas de \$ 100.

Daí em diante, tudo foi muito rápido e confuso. Como num filme acelerado, depois de bater a porta com violência, ao invés de abrir o portamalas, o motorista abriu os braços e, caprichando na agressividade, gritou para a noviça.

- Este dinheiro é falso. Tá pensando o quê? Que sou otário? - o motorista acenou as notas como se, deliberadamente, quisesse fazer um escândalo.

- O que foi?... - balbuciou Tereza, que, surpresa e assustada, não conseguiu dizer mais nada.

- O que aconteceu? - perguntaram Carla e Clécia, igualmente assustadas.

- Ela me pagou com notas falsas - gritou o motorista, sem parar de acenar as cédulas falsas.

Sem ter a quem recorrer, encurraladas pela gritaria, sem conter as lágrimas, as três noviças pediram e receberam a ajuda de Deus. No meio da confusão que se formava, do nada, surgiu o padre João Januário.

- Calma. Vocês estão bem? Fiquem tranquilas - falou o padre, inicialmente se dirigindo apenas às noviças e, só então, se dirigindo ao motorista, que, estranha e repentinamente, tinha perdido a agressividade - Falsificação de dinheiro é crime federal e, para

nossa sorte, aqui no aeroporto, tem uma delegacia da Polícia Federal. Vamos acionar os federais e eles saberão o quê fazer.

Subitamente em silêncio, o motorista permaneceu calado por alguns instantes, e, antes que [ele] pudesse dizer qualquer coisa, fortalecida pela presença do padre João Januário, a noviça Tereza recobrou a segurança e falou.

- Não vamos chamar a polícia. Eu não quero confusão. Deus sabe que estou certa, mas prefiro pagar de novo. Este dinheiro não vai mudar a nossa vida - e, como faria se estivesse ajudando alguém, a noviça passou outras duas cédulas de \$ 100 para o motorista.

- Verifique logo se estas notas são boas - com alguma rispidez, o padre

falou para o motorista, que, sem qualquer comentário, retirou as bagagens do porta-malas e saiu em disparada.

Aquele dinheiro estava reservado para o jantar daquela noite e, como se cumprissem mais um dos frequentes jejuns a que se obrigavam como prova de fé, as noviças terminaram a viagem ao Centro Mariápolis de Igarassu sem colocar mais nada no estômago.

No dia seguinte, já na Mariápolis, as noviças agradeceram a Deus pela vida e pela chance que tinham de ajudar aos necessitados.

Em Sua grandeza, Deus escreve certo com linhas nem sempre compreendidas aos simples mortais.

Este dinheiro é falso: 3º testemunho

Aquela era a primeira vez que o padre João Januário, pároco da Igreja do Bom Retiro no Recife, cumpria a missão de pastorear ovelhas de outro rebanho. No fundo, não gostava de fazer aquilo, mas, como negar alguma coisa a madre superiora do Centro Mariápolis de Igarassu, que sempre fora tão gentil com ele. De qualquer forma, gostando ou não, por três dias, embora fossem hóspedes formais da Mariapolis Ginetta, em São Paulo, as noviças Tereza, Célia e Carla estariam sob sua responsabilidade. Não haveria problemas. Na ida, o encontro, o check in e o embarque no Aeroporto dos Guararapes no Recife, o voo até Guarulhos, um ônibus até o Terminal Rodoviário do Tietê, outro ônibus até

Vargem Grande Paulista e, pronto, [elas] estariam entregues ao Movimento dos Focolares, que se encarregaria de apresentar-lhes o mundo criado por Chiara Lubich. Naquele período, ao tempo que as noviças mergulhavam na Cultura de Comunhão, se deliciando com cada detalhe da vivência e da convivência, o padre cumpriria outra rotina, participando de seminário a jovens párocos oferecido pela CNBB, revendo velhos amigos de batina e, claro, espairecendo um pouco. Ao final do terceiro dia, retornariam ao Recife e, no aeroporto dos Guararapes, onde tinha começado a missão, as noviças estariam de volta a uma terra conhecida e todos estariam em paz.

Acontece que, pouco antes do almoço de despedidas no centro de

convivência da Mariápolis, o grupo de padres seminaristas foi informado sobre uma pequena alteração na programação original: o cardeal arcebispo de São Paulo fazia questão de conhecer os jovens párocos e o encerramento do Seminário seria feito na igreja da Sé. Quanta surpresa, quanta honra, quanta alegria. Só após alguns segundos de euforia, lembrou das ovelhas que tinha sob sua guarda pessoal. Compartilhou a situação com os colegas e a opinião foi unânime: não problema, pois, além de elas estarem em ambiente seguro, como o encontro dos seminaristas com o cardeal seria coisa-rápida, ele já estaria no aeroporto quando da chegada das noviças e, afinal de contas, como disse o padre-orientador, 'já estava em tempo de elas desarnarem'. Mesmo assim, ao sentir a

angústia que se apossou das meninas durante o almoço ao saberem da mudança de planos, o padre João Januário quase cancelou a viagem antecipada para São Paulo. Mas, já era tarde para a desistência e, mesmo com o coração apertado, o padre seguiu com os outros seminaristas para a Igreja da Sé.

Como esperado, a audiência com Sua Eminência foi curta (apenas o tempo necessário para cumprimentos individuais e uma breve saudação aos párocos visitantes) e muito antes do horário previsto para a chegada das noviças, o padre João Januário já estava à postos no portal de entrada do terminal doméstico do Aeroporto de Guarulhos. Teria sido melhor se tivesse chegado mais tarde, pois, depois de alguma espera, a fome apertou e, por

instantes, o padre se afastou do portal para fazer um lanche.

Foi o suficiente.

Quando o padre retornou ao ponto de espera, a confusão estava fornada. Acuada por um brutamontes, a noviça Tereza, completamente pálida, trajada com as vestes clericais e amparada pelas colegas Célia e Carla, parecia estatelada.

- Este dinheiro é falso. Tá pensando o quê? Que sou otário? - o motorista acenava notas de \$ 100, como se, deliberadamente, quisesse fazer um escândalo para constranger as noviças.

Sem ter a quem recorrer, encurraladas pela gritaria, sem conter as lágrimas, as noviças estavam no pior dos mundos e, por aquilo que todos os seus conhecidos sabiam, como fariam

avestruzes, se alhearam do mundo e pediram a ajuda de Deus. Suas preces foram atendidas, pois, no meio da confusão que se formava, chegado do nada, apressado e decidido a ajudá-las, conforme promessa à madre superiora, surgiu o padre João Januário, cuja aparição deu novo ânimo às moças, que, pouco a pouco, recobriram a consciência.

- Calma. Vocês estão bem? Fiquem tranquilas - o padre falou, se dirigindo, inicialmente, às noviças para acalmá-las.

Satisfeito com a reação 'das suas ovelhas', bem lembrado dos seus tempos de moleque nas ruas de Santo Amaro, quando conheceu toda a sorte de golpes e golpistas, se dirigiu ao motorista, o qual, estranha e

repentinamente, perdera a agressividade.

- Vamos nos resolver, companheiro. Falsificação de dinheiro é crime federal e, para nossa sorte, aqui no aeroporto, tem uma delegacia da Polícia Federal. Vamos acionar os federais e eles saberão o que fazer.

Como se não soubesse o que dizer, o motorista permaneceu calado por alguns instantes, e, antes que [ele] pudesse quebrar o silêncio, fortalecida pela presença do padre João Januário, a noviça Tereza criou coragem e, com a voz calma das religiosas, falou.

- Não precisa chamar a polícia. Eu não quero confusão. Deus sabe que estou certa, mas prefiro pagar de novo. Este dinheiro não vai mudar a vida de ninguém. Nem a nossa, nem a dele - e, como faria se estivesse ajudando

alguém, a noviça passou outras duas cédulas de \$ 100 para o motorista.

- Verifique logo agora se estas notas são boas - com alguma rispidez, o padre falou ao motorista, que, sem qualquer comentário, retirou as bagagens do porta-malas e saiu em disparada.

Durante o voo para o Recife, prometendo a si próprio que nunca mais se afastaria de ovelhas sob a sua guarda, o padre João Januário agradeceu a Deus por ter intercedido e dado a melhor solução para aquela situação.

Ele aprendera a lição.

Em Sua grandeza, Deus escreve certo com linhas nem sempre compreendidas aos simples mortais.

MUTRETAS & TRAMBIQUES

Conto 4

A TECLA SHOWER

Ivan Santos era um homem de grandes ideias. Talvez se achar mais inteligente ou, quem sabe, mais preparado, ainda criança, dizia aos amigos que, um dia, seria prefeito de Paulista, município berço da indústria têxtil de Pernambuco, na área metropolitana do Recife.

O tempo passou e, tão logo, atingiu a adolescência, começou a trabalhar duro. De raciocínio rápido, enveredou pelos meandros do comércio e, sabendo comprar e vender como ninguém, esticando o lucro ao máximo, de negócio em negócio, logo, amealhou uma pequena fortuna. “Todo dia um besta e um esperto saem de casa. Os grandes negócios acontecem quando eles se encontram”, repetia

Ivan ao relatar os grandes negócios que fazia quase que diariamente.

Mas, crescer nos negócios não bastava para Ivan. Ele queria, mesmo, era ser prefeito da cidade. Não tardou, sem abandonar a faina no comércio, ele se filiou a um partido político e, sempre exercendo a liderança nata que o caracterizava, em pouco tempo assumiu a presidência municipal da legenda. Foi um momento de glória. Como ficou satisfeito quando o presidente estadual da agremiação disse ser ele o candidato natural do partido à prefeitura.

E, aí, de cada negócio, Ivan fez um pequeno palanque, transformando clientes em eleitores e, diga-se de passagem, vice-versa.

Ao cabo de dois meses, de conversa em conversa, Ivan já

alinhavara uma consistente plataforma eleitoral. Tinha solução para todos os males da cidade. Na saúde, criaria um serviço de urgência para acolher os doentes; na segurança, faria um convênio com a polícia estadual para ampliar a vigilância; na educação, criaria escolas e creches nos bairros mais pobres; e, assim, por diante. Embora tivesse propostas para todas as áreas, a que mais o entusiasmava era a criação do Distrito Industrial do Futuro, uma área destinada a acolher indústrias de alta tecnologia.

E foi cheio de ideias que Ivan viajou para São Paulo para participar da primeira convenção nacional do partido. Entusiasmado, não cansava de compartilhar os pontos da plataforma com os colegas e correligionários. Não foi sem razão que, ainda nas primeiras

horas de convivência, com uma pitada de sarcasmo e ironia, Ivan já era referido por todos como 'o prefeito do Distrito Industrial'.

Mas, Ivan não ligava. Fingindo não ver que, a despeito do caráter cosmopolita que aparenta, os paulistas zombavam dos nordestinos, prontamente identificados pelo sotaque e pelo jeito de ser. Ivan estava acima daquelas coisas e - contrastando com o restante da delegação pernambucana, que, sem parar de reclamar do frio enregelante, não escondia o incômodo com o tratamento pejorativo - pouco ligava quando era chamado de 'Paraíba'.

Mas, a realidade o fez mudar de humor. De fato, ainda no primeiro dia na capital paulista, depois de um breve desaparecimento, Ivan surgiu todo

sorridente na recepção do hotel. Estava exultante.

- Acabei de fazer um grande negócio – ele não parava de repetir e, sem parar de sorrir, contou a proeza.

Enquanto a maioria aproveitava tempinho livre até a retomada da programação da convenção partidária, programada para o começo da noite, sem qualquer preocupação em colocar uma roupa mais quente ou, pelo menos, guardar o boné que o identificava como torcedor do Santa Cruz Futebol Clube, foi às ruas para, em seu dizer, “identificar alguma oportunidade de negócio”. E, conforme esperado, logo identificou.

- Encontrei um ‘argentino besta’, bem ali, no passeio do viaduto Santa Efigênia, Um besta com cara de menino chorão que, sem saber com quem

estava falando, me disse que estava precisado de dinheiro. Tão precisado que estava vendendo seu telefone celular por R\$ 900 reais – Ivan sorriu e continuou o relato, dizendo que, nas lojas, um telefone daqueles não era vendido pelo menos do que o dobro daquele valor. E, depois de repetir que os grandes negócios acontecem quando e os bobos e os espertos se encontram, Ivan contou como foi a longa negociação que fez o argentino aceitar se desfazer do telefone ultramoderno pela bagatela de R\$ 120. E Ivan sorriu.

- Mas, Ivan, você roubou o homem – alguns criticaram.

- Isso chama-se negócio – ensinou Ivan, dando umas palmadinhas no pacote que embrulhava o telefone de R\$ 1.800s que comprara por apenas R\$ 120.

- Então abra logo este pacote, pra gente ver essa preciosidade.

E, como bom vendedor, fazendo todo suspense possível, valorizando cada gesto, desfazendo o pacote como se no papel do embrulho estivesse desenhado um mapa precioso ou escrito o testamento de um parente rico, Ivan deixou que a curiosidade tomasse conta de todos. Pouco a pouco foi surgindo a caixa e, finalmente,... da caixa saiu uma barra de sabão cortada no formato do telefone que Ivan imaginava ter comprado.

Explodiu uma gargalhada geral.

- Fui roubado. Aquele filho da puta me roubou.- Ivan explodiu.

- Essa é maravilha tecnológica que você comprou? – provocou um.

- Fique calmo, Ivan. Provavelmente este aparelho é tão moderno que serve até para tomar banho. Por engano, você deve ter acionado a tecla shower e, se conseguir desfazer a operação, ele volta a ser telefone... – gargalhou outro.

No dia seguinte, correu a brincadeira de que, na véspera, já dando os primeiros passos para a instalação do Distrito Industrial do Futuro, Ivan teria mantido contato com empresários argentinos interessados em instalar empresas de telefonia. Outros disseram que, interessada em diversificar a linha de sabonetes, a Gessy-Lever tinha procurado Ivan para negociar a instalação de uma fábrica de telefones celulares em Paulista.

Depois de um tempo chateado, especialmente pelo insucesso da caçada

que fez ao 'ladrão argentino' na região do Viaduto de Santa Efigênia, Ivan recobrou o bom humor e só voltou a irritar ao final da tarde, quando, desafiando o frio de agosto, vestido apenas com uma bermuda e uma camisa do Santa Cruz, saiu para conhecer a cidade e, na Praça da Sé, ouviu a proposta.

- Oh Paraíba. Quer comprar umas meias térmicas?